

O ESTADO DE S. PAULO

Publicado desde 1875

AMÉRICO DE CAMPOS (1875-1984)
FRANCISCO RAMEL PESTANA (1875-1890)
JULIO MESQUITA (1885-1927)
JULIO DE MESQUITA FILHO (1915-1969)
FRANCISCO MESQUITA (1915-1999)

LUIZ CARLOS MESQUITA (1952-1970)
JOSÉ VIEIRA DE CARVALHO MESQUITA (1947-1988)
JULIO DE MESQUITA NETO (1948-1996)
LUIZ VIEIRA DE CARVALHO MESQUITA (1947-1997)
RUY MESQUITA (1947-2013)

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PRESIDENTE
ROBERTO CRISSTUMA MESQUITA
MEMBROS
FRANCISCO MESQUITA NETO
JULIO CESAR MESQUITA
LUIZ CARLOS ALENCAR
RODRIGO LARA MESQUITA

DIRETOR PRESIDENTE
FRANCISCO MESQUITA NETO
DIRETOR DE JORNALISMO
EURÍPEDES ALCÂNTARA
DIRETOR DE OPINIÃO
MARCOS GUTERMAN

DIRETORA JURÍDICA
MARTANA UEMURA SAMPATO
DIRETOR DE MERCADO ANUNCIANTE
PAULO BOTELHO PESSOA
DIRETOR FINANCEIRO
SERGIO MARGUEIRO MOREIRA

NOTAS E INFORMAÇÕES

Vandalismo diplomático



Ao dizer que guerra de Israel contra os terroristas do Hamas equivale ao Holocausto, Lula avilta a História, a memória dos judeus assassinados pelos nazistas e os interesses do Brasil

O presidente Lula da Silva não precisou de mais do que um punhado de frases carregadas de ranço ideológico e antisemitismo para fazer do último domingo um dia infame na história da diplomacia brasileira. Ao dizer que a guerra de Israel contra os terroristas do Hamas se assemelha ao Holocausto, Lula, a um só tempo, vandalizou a História, a memória das vítimas da indústria da morte nazista e os interesses do Brasil. Nem os mais ferozes inimigos de Israel ousaram ir tão longe nas críticas à campanha

militar conduzida pelos israelenses na Faixa de Gaza – uma campanha que de certo inclui atos que podem ser classificados como crimes de guerra, mas que nada tem a ver, nem sob licença poética, com o assassinato sistemático dos judeus europeus na 2.ª Guerra.

Durante uma entrevista coletiva na Etiópia, onde esteve para a Cúpula da União Africana, Lula afirmou que “o que está acontecendo em Gaza (as mortes de civis) não existiu em nenhum outro momento histórico”, a não ser, segundo o petista, “quando Hitler resolveu matar os judeus”. Das duas, uma:

ou Lula é profundamente ignorante ou está de má-fé.

A hipótese benevolente, a da ignorância, é remota. Custa acreditar que Lula, que está no terceiro mandato presidencial, desconheça a natureza e a singularidade do Holocausto, talvez a maior tragédia humana do século 20. Por isso, a hipótese da má-fé é a mais plausível, sobretudo porque, é forçoso dizer, Lula mal escondeu que tinha lado nesse conflito ao relutar, por semanas, em reconhecer o ataque do Hamas como o ato de terrorismo que foi, além de subscrever a frágil acusação de “genocídio” contra Israel apresentada à Corte Internacional de Justiça pela África do Sul.

Hiel ao discurso esquerdista raivoso contra o Ocidente, Lula sempre dá um jeito de deslegitimar Israel. O estado da arte dessa tentativa de deslegitimação é atribuir a Israel – fundado sobre as cinzas dos milhões de judeus assassinados nas câmaras de gás – crimes semelhantes aos da Alemanha nazista.

Não haveria nenhum problema se Lula fosse líder estudantil e estivesse numa assembleia de centro acadêmico, que é o lugar ideal para esse tipo de discurso inconsequente. Mas Lula é o presidente da República, e suas falas são consideradas, por quem as ouve, como manifestação do Estado brasileiro. Assim, até prova em contrário, Lula alinhou o Brasil ao Hamas – que, não por acaso, elogiou a fala do presidente brasileiro.

O Hamas, convém lembrar, é um movimento que defende a eliminação física dos judeus – em outras palavras, genocídio. No dia 7 de outubro do ano passado, lançou um ataque covarde e

particularmente cruel contra civis israelenses, que incluiu tortura, estupro e o sequestro de bebês. Para enfrentar o previsível contra-ataque israelense, os terroristas do Hamas se escondem entre a população civil palestina, usando hospitais como quartéis, com o objetivo evidente de provocar o maior número possível de mortes de inocentes e usá-las em sua campanha de propaganda contra Israel e os judeus.

Nada disso foi levado em conta por Lula. O presidente também não levou em conta o fato de que os judeus assassinados pelos nazistas na 2.ª Guerra não haviam atacado a Alemanha ou qualquer outro país, diferentemente do que fez o Hamas em outubro passado; não levou em conta que os nazistas mataram milhões de judeus não em bombardeios ou em tiroteios em zonas densamente povoadas, mas em campos de extermínio cuidadosamente projetados para otimizar esse processo, num deliberado projeto genocida, algo que nem remotamente está acontecendo em Gaza; e finalmente não levou em conta que o Brasil, tradicionalmente neutro nos conflitos no Oriente Médio, perderá qualquer capacidade de fomentar o diálogo ao comparar Israel à Alemanha nazista.

Isso ficou claro, aliás, quando o governo israelense chamou o embaixador brasileiro em Tel-Aviv para “uma conversa dura de repreensão”, além de declarar Lula uma *persona non grata* em Israel até que haja uma retratação formal do petista. De fato, Lula deveria se retratar, mas será surpreendente se o fizer. Não é do feitio de um demiurgo reconhecer que errou. ●

O martírio de Alexei Navalni

O testemunho final do principal opositor de Putin precisa reverberar pela Rússia e pelo mundo: tudo o que é preciso para o mal triunfar é que as pessoas boas não façam nada

Podemos resumir a história da Rússia em uma única frase?, perguntou-se Aleksandr Soljenitsyn em seu *Arquipélago Gulag*. “É a terra das oportunidades sufocadas.” À primeira vista, o martírio de Alexei Navalni, o principal líder da oposição russa, morto num novo Gulag no Ártico, pareceria confirmar esse desespero. Em 2020 ele foi envenenado e tratado na Alemanha, onde poderia ter permanecido em segurança. Mas voltou, sem ilusões: sabia que seria preso, torturado e provavelmente assassinado, como, ao que tudo indica, foi.

Ainda que, até o último dia – como mostra um vídeo na véspera de sua morte –, não tenha perdido o bom humor nem a esperança numa futura Rússia

livre e pacífica, tampouco tinha ilusões sobre o presente: as coisas iriam piorar antes de melhorar. E estão piorando. A guerra sacrifica jovens e sufoca a economia. Qualquer um pode ser preso ou morto por divulgar discursos pacifistas. Desde que Vladimir Putin assumiu o poder, há 20 anos, ao menos 8 opositores políticos sofreram mortes “misteriosas”. Nos últimos 10 anos o número de prisioneiros aumentou 15 vezes. Boris Nadezhdin, o único líder disposto a encampar uma candidatura de protesto nas eleições do mês que vem, foi barrado pela Suprema Corte.

As mensagens finais de Navalni não insuflaram ilusões: os tempos não estão maduros para o caminho ideal, uma virada democrática, nem para aquele que é, talvez, o único possível, um levante armado. Seu testemunho foi simplesmente

um apelo à consciência dos cidadãos comuns: vocês não precisam ser heróis, não precisam ser presos ou se martirizar, só não mintam para si mesmos.

É uma mensagem que precisa ser propagada pelo mundo livre. À medida que Putin caminha para um domínio mais longo que o de Stalin e a guerra de agressão na Ucrânia entra em seu terceiro ano, a fadiga invade corações e mentes e uma subcultura que tenta racionalizar a iniquidade de Putin se faz ouvir. Os “idiotas úteis” repetem sua propaganda: a Rússia foi provocada pela Otan, e a Ucrânia é uma entidade artificial liderada por neonazistas fantoches do imperialismo americano. Os “pragmáticos úteis” alegam que é inútil seguir sacrificando ucranianos numa guerra que não podem vencer. Em ambos os casos, o corolário é o mesmo: deem a Putin o que ele quer e ele nos deixará em paz.

Mas se a comparação com a escalada de agressões de Hitler e a pusilanimidade das lideranças ocidentais já se tornaram um clichê, é porque os paralelos são óbvios demais. O movimento de regimes fascistas como o de Putin é irreversível: a repressão dentro retroalimenta a agressão fora e vice-versa. “A guerra”, disse Hitler a Goebbels em 1943, “tornou possível para nós soluções de problemas que nunca seriam solucionados em tempos normais.” Inversamente, a opressão torna possí-

veis guerras impossíveis em tempos normais.

“(Se eu for morto) a coisa óbvia é: não desistam”, disse certa vez Navalni. “Tudo o que é preciso para o mal triunfar é que as pessoas boas não façam nada.” Para o Ocidente, este é um chamado à ação: libertar a Ucrânia é o melhor modo de libertar a Rússia e afastar a ameaça de Putin. Para os russos exilados, é um chamado a gritar as verdades de Navalni sobre os telhados. Os cidadãos russos podem não ter essa opção, mas sempre serão livres para não mentir a si mesmos. Sob todo o seu desespero, Soljenitsyn reuniu forças para escrever um ensaio, *Não Vivam de Mentiras*, e suas verdades tiveram um papel não desprezível no desmoronamento do império soviético, que ele sobreviveu para ver.

“Se tomarmos a mais ampla e sábia visão de uma Causa, não há algo como uma Causa Perdida, porque não há algo como uma Causa Ganha”, disse o poeta T. S. Eliot – que acrescentou: “Lutamos por causas perdidas porque sabemos que nossa derrota e nossa frustração podem ser o prefácio da vitória de nossos sucessores, ainda que a vitória em si mesma seja temporária; nós lutamos antes para manter algo vivo do que na expectativa de que algo triunfará”. Navalni não sobreviveu para ver o desmoronamento da tirania de Putin, mas, se mantiverem suas verdades vivas, a Rússia e o mundo talvez vejam. ●